

Erotização e Sexualização do Corpo: representações sociais da mulher brasileira

Erotización y Sexualización del Cuerpo: representaciones sociales de la mujer brasileña

Eroticization and Sexualization of the Body: social representations of Brazilian women

Carmentilla Martins

Dábila de Cássia Brito de Miranda

Resumo: Considerando-se que as representações sociais são múltiplas formas de conhecer e se fazer conhecer, sendo essa diversidade decorrente da manifestação de distintas intencionalidades, propõe-se discutir aqui as representações sociais que erotizam e sexualizam a mulher brasileira na cidade de Oiapoque. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas para verificar na literatura como as mídias representam a mulher brasileira. Os dados empíricos refletidos foram coletados em duas viagens à cidade de Oiapoque, em maio de 2017 e outubro de 2018, quando foi aplicada a técnica da observação direta. Como resultados, as representações sociais que sensualizam e sexualizam as brasileiras têm desdobramentos diretos nos projetos migratórios dessas mulheres.

Palavras-chave: Representação Social. Mulheres Brasileiras. Migrantes. Erotização. Sexualização.

Resumen: Considerando que las representaciones sociales son múltiples formas de conocer y darse a conocer, una vez esta diversidad resultante de la manifestación de diferentes intenciones, se propone discutir aquí las representaciones sociales que erotizan y sexualizan a las mujeres brasileñas en la ciudad de Oiapoque. Para eso, se realizaron investigaciones bibliográficas de esta literatura sobre cómo los medios representan a las mujeres brasileñas. Los datos empíricos reflejados fueron recolectados en dos viajes a la ciudad de Oiapoque, en mayo de 2017 y octubre de 2018, cuando se aplicó la técnica de “observación directa”. Como resultado, las representaciones sociales que sensualizan y sexualizan a las mujeres brasileñas tienen consecuencias directas en los proyectos migratorios en sus vidas.

Palabras clave: Representación Social. Mujeres Brasileñas. Migrantes. Erotización. Sexualización.

Abstract: It is understood that social representations are multiple ways of knowing and making known, and this diversity resulting from the expression of different intentions. This text proposes to discuss the social representations that eroticize and sexualize Brazilian women in the city of Oiapoque. For this, bibliographical research was carried out of this literature on how the media represent the Brazilian woman. The reflected empirical data were collected in two trips to the city of Oiapoque in May 2017 and October 2018, when it was applied the technique of direct observation. As a result, the social representations that sensualize and sexualize Brazilian women have direct consequences on the migratory projects of these women.

Keywords: Social Representation. Brazilian Women. Migrants. Eroticization. Sexualization.

Carmentilla Martins – Doutora em Ciências Sociais, professora e pesquisadora na Universidade Federal do Amapá. E-mail: carmentilla.c@gmail.com

Dábila de Cássia Brito de Miranda – Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mestranda no PPG em Estudos de Fronteiras pela UNIFAP. Áreas de interesse: Representações Sociais, Feminismo e Estudos Fronteiriços. E-mail: dabilabrito@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo são apresentados resultados parciais de uma pesquisa mais ampla a respeito das mulheres brasileiras em casamentos exogâmicos na Guiana Francesa. Para os limites deste texto, propõe-se discutir aqui as representações sociais que erotizam e sexualizam a mulher brasileira. Entende-se por representação social uma “[...] forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social [...]” (JODELET, 2001, p. 22).

A ideia é utilizar-se dessa conceituação para interpretar como se organiza a sociabilidade das brasileiras em suas experiências de vida quando se encontram em situação de imigração na Guiana Francesa. Tem-se a hipótese empírica de que o primeiro contato que essas mulheres tiveram com indivíduos da Guiana Francesa aconteceu na cidade de Oiapoque.

Sociabilidade refere-se à forma lúdica de associação, conceito apresentado por Simmel ao discutir a autonomização dos conteúdos sociais em relação aos indivíduos, processo pelo qual as intencionalidades e finalidades são liberalizadas, e as formas de associação passam a existir “[...] puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade” (Simmel, 2006, p. 64).

A migração de brasileiros e brasileiras para a Guiana Francesa iniciou-se em meados de 1960, ocasião em que indivíduos oriundos das mais diferentes regiões do Brasil ingressaram nessa coletividade territorial do ultramar da França para trabalhar na construção da base aeroespacial de *Kourou*. Cumpre lembrar que, nesse contexto, não havia exigências burocráticas e/ou legais para a entrada desse contingente de pessoas, facilidade que se sustentou por aproximadamente uma década (MARTINS, 2016), mas, atualmente, é exigido um visto para entrar na Guiana Francesa.

Nessa primeira onda migratória, a presença de mulheres migrantes era bem pequena, e, geralmente, aquelas que se aventuravam em um projeto migratório o faziam para acompanhar um homem, fosse marido ou outro membro familiar. Aproximadamente três décadas depois, um outro evento passou a atrair novos movimentos migratórios para território guianense: a garimpagem de ouro (DUARTE, 2016; PINTO, 2016).

Muitos desses novos migrantes, mesmo entrando sem os documentos requeridos pelas autoridades franco-guianenses, conseguiam se regularizar por meio de um contrato de trabalho ou casando-se com pessoas de nacionalidade francesa, sendo que nessa última situação a maioria dos imigrantes era formada por mulheres (HIDAIR, 2008). Esse fato teve como efeito problemas na sociabilidade das mulheres brasileiras imigradas para a Guiana Francesa, em especial com as mulheres francesas. A problemática transcende a vaidade que alimenta a rivalidade, pois o que Hidair (2008) capturou em sua pesquisa revelou que:

De um lado, as mulheres brasileiras de origem socioeconômica extremamente humilde, que abandonam seus lares em busca de melhores condições de vida e na esperança de enriquecer. De outro os homens metropolitanos – em situação profissional bem melhor do que a delas – que projetam nessas mulheres a ideia de que a vida sexual é mais liberada nos países quentes do que na Europa (HIDAIR, 2008, p. 137).

Argumenta-se que as representações sociais que sensualizam e sexualizam as brasileiras, tanto no passado, quanto no presente, têm desdobramentos nos projetos migratórios dessas mulheres para a Guiana Francesa, os quais na maioria das vezes começam nos encontros de finais de semana na cidade de Oiapoque, com os turistas provenientes daquela coletividade territorial. Nesse sentido, tomou-se como ponto de partida a dinâmica social na cidade de Oiapoque, local de encontro, socialização, partida e regresso de brasileiras em relação ao território francês.

O texto se inspira nas premissas teóricas de Denise Jodelet (2001; 2018) sobre representações sociais, as quais também forneceram a orientação metodológica para levantamento do material empírico. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica que procurou desvendar as relações entre abordagem social, conceituação e características do objeto de reflexão. Também se utilizou da literatura para verificar como as mídias representam a mulher brasileira. Nos limites deste artigo, são analisadas também algumas propagandas sobre o turismo no Brasil e suas representações da mulher brasileira. Os dados empíricos refletidos foram coletados em duas viagens à cidade de Oiapoque, em maio de 2017 e outubro de 2018, cada uma com duração média de oito dias de permanência, quando foi aplicada a técnica da observação direta.

Como processo, as representações sociais produzem significados que tornam a realidade apreensível pela hermenêutica do mundo da vida, mas dessa apropriação emerge uma elaboração que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Têm operatividade devido às suas características informativas, cognitivas, ideológicas, normativas, as quais constituem crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. São objetos do aporte da antropologia, sociologia, história, e nas pesquisas desenvolvidas nesses campos elas são tomadas como “[...] operadores simbólicos e lógicos da vida social [...]” (JODELET, 2018, p. 428).

Na fronteira franco-brasileira, a migração transfronteiriça é histórica e, por isso, se enquadra na classificação de Coutinho, Bijos e Ribeiro (2018, p. 18), a qual aponta que 50% dos fluxos migratórios que acontecem numa mesma região são motivados pela territorialidade, “[...] sendo que os migrantes geralmente cruzam apenas uma fronteira, deslocando-se para um país vizinho ao seu de origem”. Examinar as representações sociais num contexto em que identidades nacionais encontram-se em interação, implica considerar como o indivíduo produz conhecimento e com ele opera num mundo real caracterizado por essa diversidade em articulação.

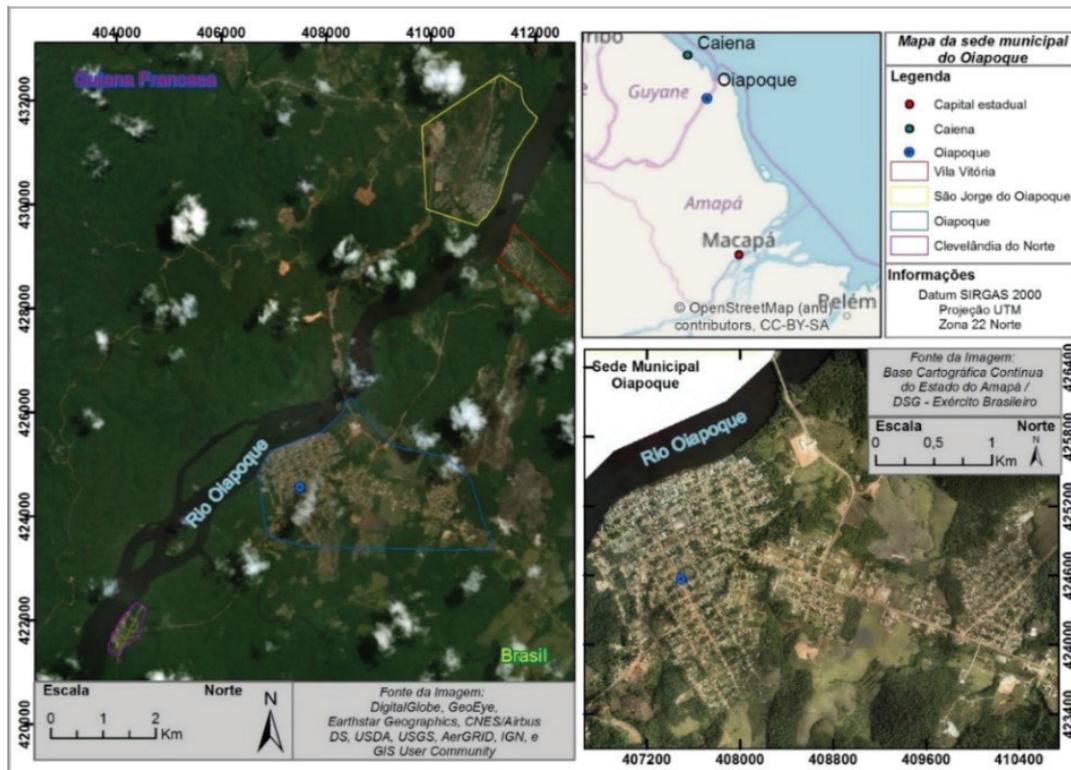
O texto está organizado em três seções. Na primeira parte, caracteriza-se a fronteira franco-brasileira para situar o leitor em relação ao locus da pesquisa. A seguir, são tecidas ponderações sobre o conceito de representações sociais e sua funcionalidade como saber prático nas vivências cotidianas. Na sequência, são feitas algumas inferências sobre o fenômeno da migração transfronteiriça na fronteira franco-brasileira. Nas considerações finais, indicam-se caminhos que conduzem a searas ainda carentes de escrutínio pela pesquisa, particularmente em áreas de fronteira internacional.

1. A Fronteira Franco-Brasileira: Oiapoque/Amapá-Saint Georges/Guiana Francesa

Entre Amapá e Guiana Francesa, localiza-se a fronteira que coloca como vizinhos um país sul-americano (Brasil) e um europeu (França). No Mapa 1, encontra-se a representação do espaço da fronteira franco-brasileira com a localização da cidade de Oiapoque e a vila de Saint Georges. A travessia de aproximadamente vinte minutos numa pequena embarcação motorizada através do rio Oiapoque garante a manutenção da mobilidade de pessoas entre as duas coletividades.

A faixa de fronteira brasileira possui cerca de 17 mil quilômetros de extensão, correspondendo a 27% do território nacional, e seu desenho inclui 11 estados fronteiriços, 10 países vizinhos e 32 cidades gêmeas (BRASIL, 2009); e dentre estas estão Oiapoque e Saint Georges ou São Jorge (Mapa 1), localidades assim classificadas devido ao alto grau de interação entre seus moradores.

Mapa 1 – Fronteira Franco-Brasileira



Fonte: Elaborado por Eduardo Q. de Lima (2018).

A cidade de Oiapoque é a sede do município homônimo, que tem uma população estimada em 27.270 habitantes (IBGE, 2019); do outro lado da fronteira está Saint Georges, com pouco mais de 4.000 habitantes (INSEE, 2015). Aos finais de semana, a cidade de Oiapoque fica bem movimentada devido à significativa presença de turistas vindos da Guiana Francesa.

Essa dinâmica acelerada se desenrola, em especial, na área que forma o bairro Central, o qual inclui a orla do rio Oiapoque, avenidas e ruas adjacentes¹. A observação revelou que a agitação advém da circulação de franceses e guianenses, público consumidor de diversas mercadorias: alimentos *in natura*, vestuário, perfumaria, bebidas, joias de ouro etc.; contudo, os serviços mais demandados são aqueles que oferecem entretenimento e lazer.

As limitações de possibilidades de diversão na cidade de Oiapoque induzem os migrantes de finais de semana a buscarem prazeres mais simples como comer, beber, dançar e encontros sexuais, de modo que restaurantes, bares, hotéis e pousadas são estabelecimentos comerciais que possibilitaram observar, nas conversas, as representações sociais relativas à erotização e sexualização da mulher brasileira. De acordo com Simmel (2006), entre os suportes das formas de interação social, um se destaca por ser

¹ Espaço definido como o conjunto que agrega a margem do rio, o muro de arrimo, as ruas Joaquim Caetano da Silva e Santos Dumont, as avenidas Barão do Rio Branco, Coaracy Nunes e Nair Guarani.

[...] o mais difundido de toda comunidade humana: a conversa. Aqui, o decisivo se expressa como a experiência mais banal: se, na seriedade da vida, os seres humanos conversam a respeito de um tema do qual partilham ou sobre o qual querem se entender, na vida sociável, o discurso se torna um fim em si mesmo [...] como *arte* de conversar (SIMMEL, 2006, p. 75, grifo do autor).

Portanto, as representações podem ser abordadas objetivamente em conversas e sua apreensão revela como desempenham a função de organizar sociabilidades. Arruda (2002, p. 138) assevera que a aposta é “[...] buscar captar um fenômeno móvel, por vezes volátil, por vezes rígido, cuja complexidade reforça a dificuldade da sua captação. Perceber uma representação social é fácil, mas defini-la, nem tanto”.

No desenvolvimento da pesquisa, os indícios coletados foram articulados para tornar a realidade inteligível, e, nesse sentido, cabe chamar a atenção para o argumento da autora sobre a existência de duas dimensões da vida social em que se manifestam as representações sociais: a consensual, que “[...] se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana [...]”; e a científica, “[...] com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna” (ARRUDA, 2002, p. 130).

Procurou-se delinear o processo de compartilhamento das representações sobre as mulheres brasileiras na cidade de Oiapoque, bem como designar os aspectos que lhes qualificam. A representação social é uma forma de saber prático que faz a conexão entre o sujeito e um objeto, mantendo com esse último uma relação de simbolização e de interpretação; na primeira função, ela denota o objeto, na segunda, lhe confere significado (JODELET, 2001). Conjectura-se que uma reflexão apoiada em representações sociais como categoria analítica deve atentar para a ideia de que elas se encontram nas bases sociais das formas de pensar, ver, sentir e agir.

A observação na cidade de Oiapoque revelou que os homens da França metropolitana e da Guiana Francesa simbolizam a mulher brasileira como sedutora e disponível ao relacionamento sexual. Na cidade de Oiapoque, de sexta-feira a domingo, ficam aflorados os desejos por lazer e diversão, seja a degustação de vinhos e cervejas; o saborear da carne e peixes; sejam os relacionamentos amorosos ou sexuais. Nos bares e restaurantes, os turistas se reúnem para ‘caçar’, termo que denomina a paquera com pretensão de fazer sexo. A expectativa das práticas sexuais pode ser captada na atitude dos administradores de pousadas e hotéis: a reserva de um conjunto de quartos para esse uso, com isso configurando uma área do estabelecimento destinada a esse público.

2. Representações Sociais como Categoria Analítica

Arruda (2002) afirma que a noção de representação social começa a ser utilizada nos idos de 1960 para explicar fenômenos relativos às formas como os indivíduos socializados atribuem significação à sua existência, objetificando sensações, sentimentos e práticas subjetivas. Nas ciências sociais, a noção de representação social torna-se relevante para entender o processo em que intencionalidades passam a produzir demandas coletivas.

Afirma também Arruda (2002) que a teoria das representações sociais é organizada em torno da premissa relativa a existência de múltiplas formas de conhecer e se fazer conhecer, ou seja, de se comunicar; sendo essa diversidade decorrente da manifestação de distintas intencionalidades.

Pode-se trazer à discussão um exemplo que Jodelet (2001) utiliza no caso das representações sociais da AIDS. Quando a síndrome surgiu, na década de 1980, não se sabia muito sobre

contágio, sintomas, sequelas e tratamento, mas esse início foi acompanhado da emergência de uma concepção moral e social que passou a funcionar no sentido de interpretar sua significação; e assim a visão moral converteu a AIDS em um estigma social que produziu o ostracismo dos portadores da síndrome e, ato contínuo, sua rejeição. Por outro lado, os estigmatizados ou excluídos foram induzidos à submissão ou revolta.

Com essas inferências, a autora explica que as representações sociais servem à atuação dos indivíduos sobre o mundo e sobre os outros, pois compõem um conjunto de ideias e concepções capazes de influenciar diretamente na estrutura de um objeto ou nas vidas das pessoas; e capazes também de criar um conhecimento que é compartilhado socialmente e interpretado em diferentes dimensões sociais. Contudo, a autora lembra que colocar em circulação uma determinada representação é um ato de vontade do indivíduo: para partilhar é preciso acreditar.

Nesse sentido, compreendendo-se as representações sociais como sistemas de interpretação que se possui do mundo, tem-se a erotização e sexualização da mulher brasileira publicizada através de diferentes meios de comunicação, tais como o rádio, televisão e internet, e de discursos como novelas, letras de músicas, notícias e propagandas.

Saberes anteriores que se atualizam em práticas existenciais também funcionam como campo estruturado e estruturante de representações sociais. Na busca de provocar algumas discussões sobre as questões relacionadas às representações da mulher brasileira, destaca-se a Carta de Pero Vaz de Caminha², primeiro documento escrito sobre o Brasil, na qual são citadas meticulosamente “as vergonhas” das mulheres indígenas, fomentando um imaginário de erotismo, beleza e sexualidade aflorada.

Nessa carta, a mulher indígena é retratada como exótica e, em certo trecho, ela é comparada à mulher europeia por meio de um discurso com forte apelo sexual: “E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela”.

No romance *Iracema* (1865), de José de Alencar, o nacionalismo e o indianismo são consagrados como fundamentos da ancestralidade do povo brasileiro. A obra traz como alegoria da construção da história nacional o relacionamento amoroso e sexual entre o homem europeu e a mulher indígena. O corpo curvilíneo de Iracema é puro e doce, mas indutor aos prazeres da carne. A metáfora dos “lábios de mel” é usada para conotar que sua virgindade é a honra e o mel dos lábios é como o favo que a abelha fabrica no tronco da andiroba: tendo na doçura o veneno (ALENCAR, 1865).

O romance atribui centralidade tanto à beleza quanto aos sentimentos de Iracema em sua relação com Martín, uma paixão que lhe torna disposta ao sacrifício, pois mesmo sendo a matriz da nação Brasil, ela carrega o desejo de se relacionar com o colonizador guerreiro. Essa concepção foi identificada nas conversas com mulheres brasileiras entrevistadas na cidade de Oiapoque acerca de conseguir se casar com um francês. Cumpre ressaltar que, primeiramente, elas imaginam a união a um francês da França continental, e o guianense é uma opção tangencial (Diário de campo, maio de 2017, Oiapoque).

² Pero Vaz de Caminha, escreveu “A Carta” registrado suas impressões sobre a terra que depois foi chama de Brasil. Este é o primeiro documento escrito da história do Brasil. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

Outro exemplo é a obra *Casa-Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, a partir da qual foi se organizando uma matriz conceitual fundamentada na sexualização do desenvolvimento sócio-histórico brasileiro. Bastante divulgada tanto nacional como internacionalmente, a obra acabou por se tornar referência no conhecimento sobre o Brasil e sua população, pois “[...] Ele fala do Brasil a partir de dentro e não como objeto natural. Seu pertencimento ao seu objeto dá ao seu texto uma impressão de autenticidade, de verdade imediata e interior” (REIS, 2003, p. 52).

Freyre (2006), ao etnografar as vivências cotidianas nos engenhos da região açucareira do Nordeste do Brasil, caracteriza o colonizador português como um tipo contemporizador no relacionamento com indígenas e negros, comportamento esse que decorria das imanências herdadas do período em que a península ibérica foi objeto de ocupação do Islã.

Dessa convivência dos ibéricos com os mouros, resultou a construção de representações sobre a mulher moura, de corpo curvilíneo, lábios carnudos e pele escura. A imagem da mulher moura veio a compor o pensamento do colonizador na fundação de uma sociedade nos trópicos, de maneira que o “[...] ambiente em que começou a vida brasileira foi quase de intoxicação sexual [...]”, com mulheres da terra se entregando nuas aos “[...] brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses” (FREYRE, 2006, p. 161).

O exotismo e o apelo sexual são explícitos nessas representações das mulheres indígenas, que são inseridas no contexto da colonização com seu interesse sexual no colonizador. Ao discutir a relação entre feminino e masculino em *Casa-Grande & Senzala*, Fátima Quintas argumenta que

A mulher índia, indefesa, logo se encantou diante da “excentricidade” do Ocidente. Atraiu-se por ninharias. O europeu trazia a “modernização”, o progresso, as vantagens de uma mágica civilização. Fechou os olhos essa mulher ingênua, para possíveis desacertos e lançou-se freneticamente à loucura da cupidez. De tudo fez para copular. E copulou. (QUINTAS, 2008, p. 25, grifos da autora).

Nesse trecho, tem-se a compreensão de como as índias foram colocadas no processo de colonização apenas como corpos, com interesses sexuais aflorados em busca do colono e do progresso que ele trazia. A autora ainda retrata, nesse primeiro momento, um quadro de intoxicação sexual, nos termos freyrianos, como se a libido da mulher se exacerbasse quase que ensandecidamente ante o potente pênis europeu (QUINTAS, 2008).

Essas abordagens contribuem para uma sexualização da mulher nativa, e no decorrer do processo histórico percebe-se que esse entendimento irá se estender às mulheres negras trazidas ao Brasil pelo escravismo colonial. Assim, as discussões demonstram a produção de um corpo colonial alvo da opressão dos colonizadores, um corpo visto como disponível (GOMES, 2013).

Essas representações sociais reforçam uma imagem da brasileira portadora de uma beleza exótica que seduz o colonizador provocando apetites sexuais desenfreados. Nessa direção, pode-se citar as pesquisas de Maria Badet (2016), que, desde 2008, estuda os conteúdos sobre o Brasil que circulam na mídia espanhola. A autora alega que o imaginário sobre o Brasil se forma a partir de sua projeção como um país tropical, onde as nativas ostentam uma exuberante nudez.

Ao avaliar 140 notícias, ela conseguiu identificar que 84 tinham como temática principal a imigração de brasileiros e brasileiras na Espanha, dentre as quais 15 se relacionavam à prostituição e profissionais do sexo. No decorrer da análise, Maria Badet (2016) percebeu que as imagens noticiadas evidenciavam o corpo das brasileiras, em especial a bunda. Outras 27 notícias tratavam daquelas

vitimadas pela violência doméstica. A autora aponta que o indicativo da nacionalidade das mulheres se constituía em elemento de qualificação da informação divulgada. Assim comenta:

Em resumo, este conjunto de notícias opta por ressaltar a figura feminina brasileira e associá-la a temáticas que podem ativar ideias ligadas ao imaginário sensual e erótico das mulheres brasileiras. Dito de outra maneira, a imagem que perpetua na mente de muitos estrangeiros de que a brasileira gosta de sexo, é uma mulher fácil e/ou está em busca de um relacionamento com um estrangeiro pode acabar por ser reforçada nos imaginários dos receptores dada a constante presença deste tipo de notícias nos meios de comunicação (BADET, 2016, p. 25).

Em outra pesquisa com 121 jovens espanhóis, a pesquisadora se dedica a capturar as continuidades do imaginário tropical e sensual da mulher brasileira, porém, o trabalho realizado demonstrou que a reflexão crítica e a oferta de conteúdos diversos também potencializam novas leituras e diferentes formas de ver o Brasil, a mulher e o homem brasileiros. Nessa circunstância, ela ressalta que:

Tanto ao analisar os conteúdos, como os processos de apropriação, comprova-se a importância midiática e social da mulher brasileira como representante do imaginário social do Brasil, sendo este muitas vezes associado ao erótico e sensual. Os resultados nos levam a pensar sobre o papel primordial das mídias para a construção de imaginários do Brasil menos estereotipados (BADET, 2016, p. 26).

A autora ainda argumenta que a mulher brasileira sensualizada e sexualizada está imersa no imaginário sobre o Brasil. Essa situação é encontrada nas propagandas de turismo: a mulher é mais um produto para deleite dos visitantes. Pode-se citar também o estudo de Mariana Gomes (2013), o qual aborda a questão do imaginário social da mulher brasileira em Portugal. Adotando a perspectiva de Foucault, saber, poder e subjetivação, além de examinar os discursos sobre o turismo no Brasil, ela pondera que as

[...] relações saber-poder produzem a sexualidade (hetero), o sexo (a existência de homem e mulher), o corpo (a existência do corpo feminino e masculino), o gênero (os papéis sociais de homem e mulher). Essas construções sobre o corpo são permeadas pelo biopoder – relações de poder exercidas através da gestão da vida, especialmente através da produção de sexualidade – e pelo poder patriarcal. O patriarcado moderno ocidental se constrói a partir da produção de dois sexos (homem e mulher) que correspondem a construções de sexualidades e papéis sociais (GOMES, 2013, p. 48).

A partir dos estudos de gênero, tem-se por definição que “Gênero não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua construção social como sujeito masculino ou feminino” (LOURO, 1996, p. 9). Com isso, tem-se uma estrutura de relação de poder entre esses sujeitos, e dentro da sociedade patriarcal existem papéis específicos para cada um.

Há representações dos homens subjacentes à estrutura de dominação sobre as mulheres, apoiadas em ideias, valores, crenças, símbolos, tradições, ritos constituídos em instituições estatais, religiosas, civis e comerciais. Isso se observa também em questões relativas à sexualidade humana.

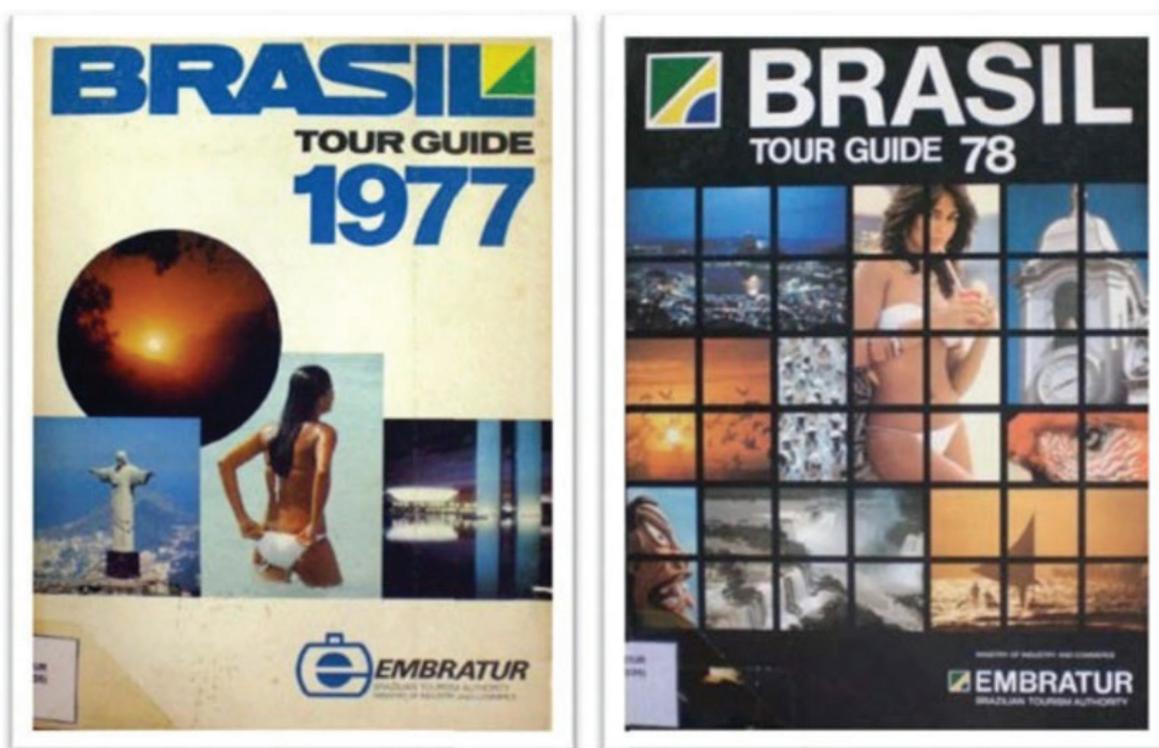
De acordo com Peres e Toledo (2011), existem linhas disciplinadoras – sexo/gênero/desejo – que genericam os corpos em masculino e feminino. Com isso, machos são eroticamente designados para os corpos femininos e fêmeas, do mesmo modo, aos corpos masculinos.

Dessa perspectiva, compreende-se que a erotização e sexualização da mulher brasileira “[...] intervêm na ação sobre o mundo social, na medida em que essa ação se apoia no conhecimento que os atores sociais têm deste mundo e de sua própria posição” (JODELET, 2018, p. 428). Como exemplo, citam-se as propagandas comerciais publicizadas pela Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), criada em 1966, durante o período da ditadura militar e subsidiada pelo governo brasileiro com o objetivo de implantar uma infraestrutura turística no Brasil.

Algumas peças publicitárias (Ilustração 1) divulgadas no exterior vendiam a imagem do Brasil tendo como aporte a mulher brasileira como um produto turístico. Especialmente nos anos 1970/80, as imagens de mulheres de biquíni, sem um contexto ou grandes explicações, expressam a valorização dos corpos femininos, particularmente o “bumbum”.

São imagens que incitam o pensamento criado pelo próprio colonizador, reiterado pelo colonizado: a simbolização do corpo da mulher brasileira em sensualidade e prazer sexual. A ideia de que as mulheres brasileiras são sensuais, exóticas, submissas e, principalmente, disponíveis para o sexo é explicitada pela afirmação de Jodelet (2001), de que o sentido simbólico atribuído por um sistema de pensamento tem sua efetividade não na sua circulação entre muitos indivíduos, e, sim, em como esse compartilhamento passa a ter efeitos nos indivíduos que também assim pensam, ou seja, como o grupo passa a pensar em relação ao objeto pensado.

Ilustração 1 - Propagandas do Turismo no Brasil divulgadas pela Embratur



Fonte: Guias da Embratur (1970; 1980)³

³ Cf. MONTOVANI, Flávia. No passado, Brasil já teve material oficial de turismo com apelo sexual. *G1*. São Paulo. 27/02/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>. Acesso em: 25 set. 2019.

A produção dessas representações repercutiu “[...] nas modalidades de elaboração dessas produções mentais sociais, mas também [n]à forma pela qual elas intervêm na linguagem e nas práticas sociais para gerar efeitos sociais” (JODELET, 2018, p. 430). Deste modo, fica evidenciado o poder de desvelar, constituir e instituir uma realidade que se reproduz em diferentes escalas espaciais.

Essa construção frente à mulher se encontra dentro do Brasil, mas historicamente foi exportada em diferentes meios para o cenário internacional. Temos a “mulher brasileira”, compreendida aqui como objeto de análise, como um produto em uma ação performática⁴ das relações históricas de poder, que envolvem outros elementos como os estereótipos sobre as mulheres brasileiras ligando gênero, raça e classe social.

Assim, pode-se compreender que esses estereótipos também são fruto do processo da colonização brasileira. Connell (1998) aponta que o colonialismo teve impacto na construção de uma ordem global de gênero, a qual construiu masculinidades diferentes e hierarquizadas entre homens da metrópole e homens das colônias, além de fomentar estigmas e violências contra as mulheres, criando, assim, um imaginário colonial associado ao erótico e exótico.

Essas concepções provenientes do imaginário colonial estão presentes sobre as mulheres no Brasil, no seu dia a dia, e em um cenário maior, pois esses estigmas são carregados como características natas das mulheres brasileiras; então, dentro de um projeto migratório, as mulheres brasileiras são identificadas e compreendidas através dessas representações sociais, que podem influenciar diretamente no projeto migratório de uma mulher compreendida como nacional brasileira.

3. Migração e Gênero

No que tange aos fluxos migratórios, a Guiana Francesa pode ser considerada como um local de imigração. No total, os imigrantes representam 35,5% dos habitantes, sendo os grupos mais expressivos os surinameses, os haitianos e os brasileiros. Hoje, esses indivíduos, respectivamente, ocupam as seguintes posições numa escala percentual: 13,8%, 8,8% e 8,7% da população (INSEE, 2015).

A mobilidade humana no espaço é um fenômeno que envolve “[...] frequências, distâncias, e formas diferenciadas, e é uma condição da migração [...]”. Migrar, além da mobilidade geográfica, implica trocar o ambiente familiar e social [...]” (ARAGÓN, 2013, p. 215). Dessa perspectiva, entende-se que se mover/migrar é intrínseco à existência humana, tendo desdobramentos no tocante ao ambiente, à cultura, à sociedade, à política e à economia. Com as inovações tecnológicas que ampliaram a conectividade no espaço, o movimento passou a ser uma palavra que caracteriza os modos de perceber, pensar e sentir na contemporaneidade.

No tocante à migração e gênero, constata-se, dentro dos estudos migratórios, uma certa lacuna no que tange aos estudos migratórios que têm mulheres como protagonistas, devido à vigência da tese de o migrante ser sempre um homem; isso acabou por restringir “[...] as possibilidades da pesquisa empírica e produziu premissas teóricas equivocadas [...]” (PERES, 2004, p. 2). Cumpre chamar atenção para ressaltar que os temas mais interessantes aos pesquisadores eram voltados a aspectos laborais, demográficos, leis migratórias, ações dos estados entre outros.

⁴ Uma canção que se tornou “icônica” e que dá uma boa medida dessa representação é *Mulher Brasileira*, de Benito di Paula (1975), cuja letra, em certo trecho diz: Agora chegou a vez, vou cantar // Mulher brasileira em primeiro lugar // (*Diç rapaziada*) // [...] // Norte a sul do meu Brasil // *Caminha sambando* // *Quem não viu?* // *Mulher de verdade, sim senhor* // *Mulher brasileira é feita de amor*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/benito-di-paula44498/#:~:text=Composi%C3%A7%C3%A3o%3A%20Benito%20Di%20Paula>. Acesso em: 27. out. 2020.

Com a crescente relevância dos movimentos de mulheres e estudos de gênero, a temática mulheres e migração passou a ter mais relevância no cenário internacional, e debates sobre a temática se tornaram mais explorados. Percebe-se uma feminização da migração, não tanto por um aumento quantitativo no número de mulheres em situação migratória, mas sim pelo protagonismo delas na construção de projetos autônomos e redes migratórias no mundo todo.

No entanto, ainda que o ato de migrar traduza uma atitude, nos contextos em que a migração consiste em uma estratégia de busca por melhores condições de vida para si e para suas famílias, é relevante notar outro ponto: a vulnerabilidade e possíveis condições de exploração e de discriminação a que as mulheres migrantes ficam submetidas (SACKUR, 2015). Nessa direção, o excerto abaixo explicita a condição da mulher brasileira migrante na Guiana Francesa: “[...] a maioria dos homens metropolitanos usa e abusa de sua condição de superioridade para atrair as mulheres brasileiras sem o menor intuito de lhes oferecer uma relação estável [...]” (ALMEIDA, 2004 *apud* HIDAIR, 2008, p. 138).

Sobre isso, pode-se destacar as mulheres brasileiras migrantes em Portugal, as quais já possuem uma identificação própria, carregada de estereótipos específicos (simpatia, alegria, sexualidade aflorada e sensualidade) que condicionam posições que os brasileiros vão ocupar no mercado de trabalho e experiências que têm de enfrentar cotidianamente (PADILLA; GOMES; FERNANDES, 2010).

Destaca-se no trabalho de Mariana Gomes (2013) um exemplo presente na mídia portuguesa, que foi a reportagem de capa da revista *Focus*, com o título “Eles adoram-na, elas odeiam-na: Os segredos da mulher brasileira” (Ilustração 2). A reportagem, já no primeiro parágrafo, aborda os casamentos entre portugueses e brasileiras, definindo-as como oriundas das “Terras de Vera Cruz”, alusão direta ao processo de colonização.

Ilustração 2 - Imagens na revista *Focus*, capa da edição 565, de 2010



Fonte: Revista Focus (2010)⁵.

⁵ Cf. NAVARRO, Fernanda. *Mulher brasileira em Portugal*. 24 mar. 2015. Disponível em: <http://fernanda-navarro.blogspot.com/2015/03/mulher-brasileira-em-portugal.html>. Acesso em: 25 set. 2019.

Nota-se a representação da mulher brasileira apenas com o corpo e um biquíni expondo o bumbum e as cores símbolos da brasilidade, o verde e o amarelo. O título da reportagem, além de reforçar uma ideia de rivalidade feminina com a frase “elas odeiam-na”, expõe que perpassa no imaginário da sociedade portuguesa a noção de que as mulheres brasileiras são promíscuas, inspiradoras dos pecados carnisais. Isso pode ser evocado na afirmação de Hidair (2008, p. 138), de que as brasileiras “[...] são acusadas de vender seus encantos aos homens franceses, que seriam suas pobres vítimas”.

Além de reforçar a ideia de que a brasileira migra para casar com o europeu, no caso da reportagem apresentada na revista *Focus*, temos o português, colonizador, e a ideia de que é submisso aos encantos da colonizada, pois “eles adoram-na”. Essa atribuição de significado funciona para desqualificar o sistema colonial como extremamente cruel em relação aos povos colonizados.

As representações sobre a mulher brasileira ainda são compreendidas como um corpo colonizado, estando à disposição sexualmente. Ocorre a reconstrução do imaginário colonial baseado na moral cristã ocidental que divide as mulheres em “Evas”, pecadoras, disponíveis sexualmente, não europeias; e “Marias”, esposas, mães, com pudor, europeias (VASCONCELOS, 2005).

Os vínculos que são estabelecidos entre essas representações e as migrantes brasileiras na Guiana Francesa têm influência na sua inserção no mercado de trabalho, na sua busca por moradia, por fim, na organização de sua sociabilidade. São mulheres em situação de discriminação, sujeitas a múltiplas violências.

É sabido que o perfil da imigrante brasileira é fundamentalmente composto por jovens que trabalham em espaços específicos voltados ao atendimento ao público e nos setores envolvendo limpeza e cuidados de crianças e idosos. E que carregam consigo essas representações sociais referentes à sua nacionalidade, que ora podem se orgulhar e demonstrar que são mais do que essa concepção de um corpo, ora podem se manter caladas aos estigmas que sofrem.

As representações sociais são concepções transcendentais às especificidades, são produzidas nas vivências sociais, sendo também sua expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações do que é ser mulher e brasileira, em algumas situações, são bem antigas, datando do período colonial no Brasil, quando colonizadores se aproveitavam das mulheres indígenas e negras para satisfazerem suas necessidades sexuais (FREYRE, 1998). Esse fato histórico relaciona a mulher brasileira ao sexo e à nudez. Essa herança colonial permanece viva na história oficial contada pelos portugueses, porque foi um discurso do colonizador em relação ao colonizado.

Percebe-se como as representações sociais sobre a categoria “mulher brasileira” influenciam diretamente no projeto migratório das brasileiras que saem do país, carregando estereótipos frente à sua própria nacionalidade. Como Jodelet (2001) destaca, as representações sociais se inserem em conjuntos de valores, cuja variação exprime a diversidade de grupos que lhes originam.

Como ocorreu dentro do processo histórico do Brasil essa representação dos corpos das mulheres brasileiras, essa visão do corpo colonizado, reiterado por questões de raça e classe social, notam-se ainda os resquícios desse pensamento voltado à exposição e exploração das mulheres brasileiras. Ainda hoje, há uma perspectiva voltada aos corpos, às curvas voluptuosas, à sensualidade, ao exótico.

Reforçada pela mídia brasileira e exportada para o cenário internacional, há, nos livros históricos, essa representação das mulheres brasileiras. Até mesmo dentro da Empresa Brasileira de Turismo verifica-se a contribuição das peças publicitárias que por décadas reforçaram a venda do turismo brasileiro a partir das mulheres desse país.

O reflexo disso foi a compreensão de um turismo sexual voltado para o Brasil, a busca pela mulher brasileira como um produto nacional aberto para o consumo, reforçado pela Embratur (Empresa Brasileira de Turismo) e pelo próprio governo brasileiro.

Dentro dessas representações sociais, tem-se um conjunto de características que reforçam maiores estigmas, como a erotização e sexualização de mulheres indígenas e negras. Além disso, ainda hoje há uma compreensão de que a mulher brasileira tem o ideário de buscar pelo marido europeu, o marido vindo do estrangeiro, e isso é visto dentro dos exemplos citados, em especial as peças publicitárias das revistas portuguesas.

Correlacionando as informações discutidas neste trabalho, percebe-se o quanto a representação social das mulheres brasileiras foi construída através de uma compreensão machista, patriarcal e colonizadora. Os corpos das mulheres brasileiras ainda são compreendidos como corpos coloniais disponíveis ao sexo e exóticos. E essa compreensão é pautada no processo histórico brasileiro e reforçada dentro dos meios de comunicação, rádios, novelas e peças publicitárias.

Assim, as mulheres brasileiras migrantes sofrem diretamente com os estigmas que o objeto de análise “mulheres migrantes” possui, influenciando diretamente no seu processo migratório, em suas vivências e em como vão reagir frente a possíveis discriminações e violências.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Iracema*. Brasil: Fundação Biblioteca Nacional, 1865.

ARAGÓN, Luís E. *Amazônia, conhecer para desenvolver e conservar: cinco temas para debate*. São Paulo: Hucitec, 2013.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 127-147, nov. 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/Pitila/Downloads/Teoria_Das_Representa_Es_Sociais_e_Teori%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Pitila/Downloads/Teoria_Das_Representa_Es_Sociais_e_Teori%20(1).pdf). Acesso em: 23 set. 2019

BADET, Maria. A prevalência de imaginários estereotipados do Brasil no exterior e o papel das mídias na sua manutenção. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 24, n. 46, p. 59-75, abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852016000100059&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Programa de Promoção de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira-PDF. Brasília-DF: Secretaria de Programas Regionais, 2009. Disponível em: <http://ois.sebrae.com.br/publicacoes/2970-2/>. Acesso em: 03 set. 2019.

CONNELL, Robert W. Masculinities and Globalization: Men and Masculinities. *Sage Journals*, vol. 1, n. 1, p. 3-23, 1998.

COUTINHO, Frederico de Moraes Andrade; BIJOS, Danilo; RIBEIRO, Henrique Marques. O estado da arte das discussões sobre migrações internacionais e políticas públicas. *Revista do Serviço Público-RSP*, v. 69, n. 2, Brasília, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/3275>. Acesso em: 27 set. 2019.

DUARTE, Geraldine Rosas. Guiana Francesa: uma análise geo-histórica. *Confins*, v. 28, set. 2016. Disponível em: <http://confins.revues.org/11072>. Acesso em: 24 mar. 2017.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal; apresentação de Fernando Henrique Cardoso*. 51ª ed., rev. São Paulo: Global, 2006. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil).

GOMES, Mariana Selister. O imaginário social. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 867-900, dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/218/21829905005.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

HIDAIR, Isabelle. Imigração brasileira na Guiana: entre elucubrações e realidade. *Antropolítica*, Revista Contemporânea de Antropologia, n. 24, p. 127-143, jan./jun. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/1958588/Imigra%C3%A7%C3%A3o_brasileira_na_Guiana_entreelocubra%C3%A7%C3%B5es_e_realidade. Acesso em: 26 set. 2019.

INSEE. Institut National de la Statistique et des Études Économiques. Analyses. Guyane. Antilles-Guyane Recensement de la population em Guyane. La démographie guyanaise toujours aussi dynamique. 2015. Disponível em: https://www.epsilon.insee.fr/jspui/bitstream/1/69354/1/IA_GUY_27.pdf. Acesso em: 03 set. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Oiapoque*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/oiapoque/panorama>. Acesso em: 03 set. 2019.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org). *As representações sociais*. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.

JODELET, Denise. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. *Soc. Estado*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 423-442, ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922018000200423&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 out. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (org.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 7-18.

MANTOVANI, Flávia. No passado, Brasil já teve material oficial de turismo com apelo sexual. 2014. *G1*. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

MARTINS, Carmentilla das Chagas. A migração internacional nos quadros da cooperação transfronteiriça franco-brasileira. *Fronteiras & Debates*, v. 3, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/view/3409/carmentillav3n1.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.

NAVARRO, Fernanda. *Mulher brasileira em Portugal*. 24 mar. 2015. Disponível em: <http://fernanda-navarro.blogspot.com/2015/03/mulher-brasileira-em-portugal.html>. Acesso em: 25 set. 2019.



PADILLA, Beatriz; GOMES, Mariana e FERNANDES, Gleiciani. Ser Brasileira em Portugal: Imigração, Gênero e Colonialidade. Seminário de Estudos Sobre Imigração Brasileira na Europa, 1., 2010, Barcelona. *Anais [...]*. Barcelona, 2010.

PERES, Roberta G. As mulheres na migração internacional: as diferenças nas estratégias de homens e mulheres ao longo da trajetória migratória. Encontro Nacional de Estudos Populacionais-ABEP, XIV. 20-24 de setembro de 2004, Caxambu/MG. *Anais [...]*. Caxambu/MG, 2004. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1462/1427>. Acesso em: 27 set. 2019.

PERES, William S.; TOLEDO, Livia G. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. *Psicologia Política*, v. 11, n. 22, jul./dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200006. Acesso em: 27 set. 2019.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. Migração de brasileiros para a Guiana Francesa: da sedução à realidade migratória. In FOUCK, Serge Mam Lam; COLLOMB, Gérard. (Responsabilité scientifique). *Mobilités, ethnicités, diversité culturelle: la Guyane entre Surinam et Brésil. Eléments de compréhension de la situation guyanaise*. Matoury/Guyane: Ibis Rouge Éditions, 2016.

QUINTAS, Fátima. *Sexo à Moda Patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre*. Brasil: Global, 2008.

SACKUR, Stephen. Filipinas treinam empregadas domésticas para exportação. *BBC News Brasil*. 10 mar. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150310_filipinas_empregadas_treino_fn. Acesso em: 02 jul. 2019.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*; tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

VASCONCELOS, Vânia. Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. *Revista Ártemis*, v. 3, dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2209>. Acesso em: 27 set. 2019.

